



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JOÃO DERLY DE OLIVEIRA NUNES JUNIOR  
(DEPOIMENTO)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-377

**Entrevistado:** João Derly de Oliveira Nunes Junior

**Nascimento:** 02/06/1981

**Local da entrevista:** Câmara de Vereadores de Porto Alegre

**Entrevistadora:** Bruno de Oliveira e Silva e Alexandre Luz Alves

**Data da entrevista:** 12/12/2013

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Christiane Macedo

**Total de gravação:** 31 minutos e 14 segundos

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Observações:**

Após a transcrição o entrevistado fez pequenas alterações no conteúdo da entrevista.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção do entrevistado no Judô; Motivações para a prática do esporte; Situação do Judô no Rio Grande do Sul; Participação em campeonatos regionais e nacionais; Projeção internacional; Dificuldades por estar fora do Eixo Rio de Janeiro-São Paulo; Participação nos Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais; Preparação e seletivas; Dificuldades para manter o peso; Impacto da sua carreira no Judô do Rio Grande do Sul; Assédio de outros clubes; Opinião sobre a proibição de algumas técnicas de Judô; Inserção na política

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2013. Entrevista com João Derly de Oliveira Nunes Junior a cargo dos pesquisadores Bruno de Oliveira e Silva e Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Primeiramente, boa tarde, João Derly! A gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte (CEME) a tua disponibilidade, porque para nós é importante fazer esse registro. Como foi a tua inserção no esporte e se tu já iniciou na modalidade do judô?

J.D. – Boa tarde, eu que agradeço a lembrança e compartilhar a minha história, sempre é bom [risos]. Não que eu goste de falar de mim, mas... [risos]

B.O. – Mas é importante falar de você também...

J.D. – É que é bom ter alguns exemplos, principalmente do esporte que é uma coisa que mexe muito com o emocional das pessoas e a admiração, respeito. Enfim, iniciei no esporte em 1988, nesse ano os pediatras tinham indicado aos meus pais uma atividade física, porque eu tinha asma; minha irmã, que já tinha asma também, não fez atividade física e ainda sofre, usa bombinha, daquelas para poder melhorar quando acontecem as crises de falta de ar. No início do ano letivo de 1988, eu estudava na Escola Estadual Rio Branco, ali na Avenida Protásio Alves, iniciou o ano letivo e surgiu o judô lá na escola, que até então não estava disponível. E os esportes indicados pelo médico era natação ou judô. Achei mais interessante o judô porque a criança também é hiperativa, gosta muito de “lutinhas”. Eu era fã do Jaspion<sup>1</sup>, assistia, ficava ali paralisado, depois quando dava o intervalo eu saía fazendo os movimentos, não tinha noção nem como era o judô, mas gostava muito de luta. Então iniciou o ano letivo, surgiu o Kiko<sup>2</sup>, que foi meu treinador durante toda minha trajetória de atleta, uma coisa bem difícil de acontecer no esporte, ter o mesmo professor. Começou esse trabalho, depois pude passar para o clube, para a SOGIPA<sup>3</sup>, que com o passar do tempo eu treinava na escola e na SOGIPA. Depois de um tempo acabou o judô lá na escola e eu permaneci só no clube e isso se estendeu até o final da minha carreira como judoca.

---

<sup>1</sup> Sério de televisão japonesa.

<sup>2</sup> Antônio Carlos Pereira.

B.O. – E como você chegou na SOGIPA? Foi convite?

J.D. – A SOGIPA veio porque o Kiko ministrava aulas tanto na escola quanto na SOGIPA. Isso é muito comum no meio do judô, principalmente nessa época. O único esporte extra-curricular que tinha na escola era o judô, assim é geralmente em quase todas, na grande maioria, infelizmente... Os valores que o judô ensina, como a disciplina, respeito, enfim, tu não põe no judô para ganhar dinheiro, tu põe no judô para a criança receber os valores do esporte. Então, os professores começavam a dar aula em escolas e, com o passar do tempo, aqueles que tinham destaque dentro das competições, passavam para o clube. Essa coincidência me levou a SOGIPA, ele ser técnico também lá e eu ter me destacado na escola.

A.A. – Então como era a situação do Judô no Rio Grande do Sul?

J.D. – Difícil de avaliar. Era mais fácil, porque existia mais facilidade nas competições, pelo número menor de competidores. Mas é mais difícil, porque o nível não era o atual, nem de rivais, nem de estrutura, o que não fortalece o esporte. Então tu tinha um número de competições, cinco ou seis, por ano. Hoje temos torneios praticamente todos finais de semana, dependendo, até mais que uma competição, então, hoje complicou acerca de viagens, tudo encareceu. Porém, creio que hoje o investimento é bem maior no esporte, no judô, que tenho mais acesso, nós vemos dentro do clube, por exemplo, quando eu encerrei minha carreira o clube permaneceu com os patrocínios que eu trouxe a SOGIPA. Que foram Banrisul<sup>4</sup> e a Oi<sup>5</sup> assim, que minhas conquistas aproximaram. Na minha época de criança, tu tinha a possibilidade de viajar um pouco mais conseguindo passagens dentro do Estado, mas com o passar do tempo isso se encerrou, teve uma transição violenta, forte e a dificuldade não só dentro do Estado mas no nosso país de fazer pacotes da Confederação Brasileira<sup>6</sup>, eram pacotes fechados, pagava as vezes o dobro ou o triplo do que tu conseguiria por fora, por fora que eu digo é tu ir diretamente fazer, comprar essa viagem e isso trazia uma dificuldade muito grande. Eu creio que hoje é um pouco mais fácil fazer esporte, claro que ainda não é uma maravilha. Os investimentos daquela época eram bons

---

<sup>3</sup> Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> Empresa de Telecomunicações.

<sup>6</sup> Confederação Brasileira de Judô.

para aquela época, mas era um número menor de praticantes, um número menor de competições, ficava mais fácil de tu incentivar, hoje tu tem um número gigantesco de praticantes, principalmente no judô, o que é muito bom, claro.

A.A. – Quais eventos da sua vida esportiva que tu destacaria?

J.D. – Acho que muitos momentos dentro do tatame... Os títulos mundiais, isso ficou eternizado, tudo que eu vivenciei, de alegrias, de conquistas, de olhar nos olhos do adversário, entrar num ginásio lotado, quinze mil pessoas em Paris, fazer uma final... Hoje chama Grand Slam<sup>7</sup>, entrar na final de um Mundial e dez mil pessoas, dentro do teu país, gritando teu nome, que foi o segundo mundial em 2007. Bah! Aquilo é uma coisa impagável, memórias maravilhosas. Mas eu gosto de destacar o que aconteceu fora também, as amizades adquiridas, os momentos no hotel, as brincadeiras, o tempo de ficar no quarto conversando até tarde, contando histórias e, claro, depois a tecnologia, que começou a quebrar um pouco as histórias. Dai surgiu o computador, brincar nele, música, joguinhos, enfim. Essas são coisas que ficam marcadas na nossa vida, vivenciar esses momentos maravilhosos da minha história, além dos colegas de treinamento, as dificuldades do treinamento, mesmo elas eu gosto de lembrar porque aquilo te forjava para a vida. Tu lidar em um treinamento, já que teve época que eu não estava tão bem, fazia um treino horrível, aí fingia que estava alongando, para o pessoal todo sair do tatame e, aí, começar a chorar, chateado com o que tinha acontecido. Mas, ao invés de me esconder no outro dia, estava lá de novo batalhando para que eu pudesse treinar no mesmo nível habitual e, assim, ficar bem. São momento bacanas, além do incentivo da família, dos amigos, pessoas assim que tu nem conhece, às vezes te incentivavam, poder desfrutar de tudo isso.

Esses tempos, fui dar uma palestra em uma escola e entrou uma professora e ela me falou da alegria em me receber. A gurizada riu dela, dai no final ela me confidenciou as seguintes palavras: “Queria te dizer que aquela vez que tu te machucou, que tu perdeu a chance de ir pra olimpíada, a família inteira estava assistindo televisão, todos ficaram chateados, porque todo mundo torcia para ti. Nós sentimos como se tivéssemos nos machucados juntos contigo, chorando contigo”. Aí tu começa a perceber o impacto que tu

---

<sup>7</sup> Principal torneio mundial de Judô.

causa na vida de pessoas que tu nem conhece, mas que te admiram, gostam de ti de graça, essas são lembranças que carregos e que nunca será apagado da minha memória.

A.A. – Você teve dificuldades na sua carreira estando fora do eixo Rio-São Paulo?

J.D. – Muitas. Primeiro o investimento e as condições de treinamento. Meu professor hoje é um sensei reconhecido, um dos melhores no país, campeão, detentor de três títulos mundiais, vice-mundial, medalhas olímpicas, mas na época em que ele começou a me dar aula, tinha 20 anos, era jovem. Tem também o tatame, o local de treinamento... Hoje a SOGIPA tem um tatame invejável, novinho, de Olimpíada, de Mundial... Eu vivi todo esse processo de amadurecimento... E fui muito criticado por ficar aqui: “Ah! Tem que sair daí”. Ganhei convites de São Paulo, Rio de Janeiro, mas nunca aceitei porque eu achava que aqui era meu lugar, aonde tinha nascido e isso foi muito bom pois consegui abrir as portas, com os títulos, os resultados e, claro, os conseqüentes investimentos. Hoje a gente tem uma bela estrutura. Por exemplo, a ESEF<sup>8</sup> tem tatames de primeiro mundo, mas busco mais, queremos mais, quem sabe no futuro não consigamos fazer um ginásio próprio de lutas [risos].

B.O. – Tomara [risos].

A.A. – Estamos torcendo por isso.

J.D. – Mas vai sair! No que depender do nosso esforço, sairá. Porque tem a SOGIPA tem o Grêmio Náutico União<sup>9</sup>. Hoje tu não pensa “Ah, terei que sair do Rio Grande do Sul para ser um atleta de alto rendimento”. Hoje vêm atletas de fora para treinar aqui, por escolherem a nossa estrutura. Por isso, ressalto, foi muito difícil chegar lá e enfrentar toda essa dificuldade, mas acho que isso é muito positivo para o nosso país, essa democratização. Tu analisa e vê que a primeira mulher campeã olímpica é do Piauí, o primeiro homem brasileiro campeão mundial, gaúcho, isso é muito bom para expansão do esporte. Quebrar aquele ciclo só de São Paulo e Rio, principalmente São Paulo. Foi muito

---

<sup>8</sup> Escola de Educação Física da UFRGS.

<sup>9</sup> Grêmio Náutico União.

difícil, mas rompemos essa barreira e é hora de democratizar ainda mais o esporte, em todo país.

A.A. – Como foi a tua participação nos eventos nacionais e internacionais? E prioritariamente sobre os Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos?

J.D. – Em que sentido a participação? Em resultado?

B.O. – Como foi o processo da sua participação. Como você chega a esse tipo de campeonato? Como você chega a disputar?

J.D. – Farei um apanhado da minha história. O primeiro brasileiro que eu participei foi em 1990, eu tinha nove anos que é a idade infantil, primeiro nacional que fui campeão foi em 1991. Tu vai passando por processos, processo municipal, estadual, chega no brasileiro para colher resultados, isso vai te forjando vai te dando *knowhow*, vai te dando experiência... Ganhei dezenas de Brasileiros, fui vinte vezes campeão brasileiro em todas as modalidades, todas as idades e contando por equipes, cheguei a esse número bem expressivo, fui campeão estadual absoluto “Sabe o que é isso?”

A.A. – Sem peso.

J.D. – Sem peso.

B.O. – Muito comum no Japão?

J.D. – É. Eu lutava até 60 kg, eu era uma “tirissa”<sup>10</sup> [risos]. Era bem jovem e fui campeão estadual, acho que teve só mais um senhor, o Francisco Xavier<sup>11</sup> que tinha feito, que tinha conquistado esse feito.

A.A. – Enfrentado alguém numa categoria mais pesada que a tua, qual foi o mais pesado que tu enfrentou?

---

<sup>10</sup> Expressão popular para designar fora dos padrões, feio, muito magro.

<sup>11</sup> Francisco Xavier Vargas Neto.

J.D. – Tinham pesos pesados, só que perderam na chave. O mais pesado que eu enfrentei foram dois de até 90kg, pesavam 90 kg, mas é uma diferença enorme 30 kg [risos].

A.A. – Com certeza.

B.O. – Metade de seu peso [risos].

J.D. – Era uma diferença enorme. Mas esses de 90kg eram muito bons, para ganharem dos mais pesados, mas não teria problema, não. Pegaria os pesadões, eu gostava de um desafio [risos], sempre gostei de desafios. Para tu chegar em um Mundial, por exemplo. Em 2001, que foi o primeiro Mundial que disputei, fiz uma seletiva, nove lutas. Só para ter uma noção, no Mundial se faz no máximo sete lutas, caso tua caia na repescagem.

B.O. – Se tu perder uma delas...

J.D. – É. Se tu perder uma delas tu faz no máximo sete lutas e já é um número bem grande, imagina fazer nove lutas. Deixa eu ver... Quatro... Seis... Cinco... Não, onze lutas, desculpe, fiz onze lutas na seletiva. É um número bem grande para uma competição, para uma seletiva e tinha passado por um processo para chegar até essa seletiva, então funcionava o processo por seletivas direto, por competição direta com os teus adversários. Aqui do Brasil, por exemplo, eu tinha dificuldade contigo, mas no exterior eu arrebentava nas competições só que dai tu me ganhava aqui dentro porque tu me estudava bem e acabava me ganhando [risos].

Ai o cara vai lá e perdia sempre a primeira luta, então tinha esse problema. Hoje ficou um pouco mais fácil, os resultados em competições fora facilitam as seletivas. Isso é bom já que se o cara está ganhando fora também tem a chance maior de estar representando. E eu passei por esse processo, sul-americano, fui representando o Brasil bem cedo. Com 15 anos comecei a viajar, 16 anos já fui selecionado para seleção no Super Ligeiro que não existe em nível mundial, só até o Pan-Americano. Viajei, conheci Aurélio Miguel<sup>12</sup>, que era meu ídolo, outros ídolos e me deu uma vasta experiência. E depois chegando ao Mundial Junior onde eu fui campeão mundial em 2000, subindo esse

processo, chegando no cume de 2005, sendo o primeiro brasileiro campeão mundial. Justamente o último que teve seletivas...

B.O. – 2005?

J.D. – É. Seletiva direta e eu me lembro, fiz doze lutas na seletiva no início do ano e ganhei todas de *ippon*<sup>13</sup> [risos] nesse ano de 2005, então era um ano que eu estava muito bem fisicamente, foi o auge físico, fisicamente, rápido, veloz, tudo certinho. Em 2007 quando me tornei bicampeão mundial, foi o auge da experiência, eu estava muito bem fisicamente mas todo mundo já tinha me estudado, mas a maturidade foi meu segredo. Depois cheguei aos Jogos Olímpicos de Pequim de 2008, onde infelizmente não conquistei a tão sonhada medalha olímpica, mas também temos que nos apegar nas coisas boas, não apenas as ruins. Por exemplo, de ter participado de uma Olimpíada, dos Jogos Olímpicos que foi uma experiência enorme para a minha vida, algo maravilhoso.

A.A. – Fala para a gente um pouco mais sobre as Olimpíadas, sobre o processo de classificação, seletiva para esse tipo de campeonato. Pode ser tanto das Olimpíadas quanto do Mundial:

B.O. – E principalmente como foi essa vivência tanto nos campeonatos quanto nos Jogos Olímpicos, você comentou um pouco que é uma experiência diferente participar...

J.D. – Sim. É, o processo para a Olimpíada e para o Mundial é o mesmo, então tem o *ranqueamento*, no Mundial tu pode colocar dois atletas... Não, na verdade são cinco, são sete categorias, tu pode colocar nove atletas então tu pode repetir em duas categorias...

B.O. – Os dois primeiros do *ranking*...

J.D. – Isso. Então tu faz o *ranking* ali e tira para o Mundial, só que o Mundial é aberto a todo mundo, todo o mundo mesmo, e então, às vezes chega a ter oitenta e tantos atletas no masculino. Na Olimpíada tem um número restrito de vinte e dois atletas, então há uma

---

<sup>12</sup> Aurélio Fernandez Miguel.

dificuldade um pouco maior de chegar, mas tu não tem aquela amplitude que tem um Mundial, é uma competição bem mais longa... Essas são as diferenças. Então os dois funcionam do mesmo modo. O país garantiu uma vaga pois o atleta João Derly é o número dois do mundo, ele vai ser o que vai participar, agora se o país tiver o número dez e o número onze, e o número onze vem numa crescente e o outro vem diminuindo, podem mandar o número onze.

B.O. – Isso é a cargo da Confederação?

J.D. – Isso é a cargo da Confederação. É muito difícil acontecer isso, alguém estar pior na frente, mas pode acontecer, ai de repente no final... Perto da Olimpíada o cara vem subindo e o outro vem só descendo ai só que permaneceu na frente ai provavelmente a Federação vai entender que esse que está atrás seja o melhor para o momento, e as competições... O Mundial é diferente da Olimpíada por que o Mundial é muito da paciência, do entrar lá com o espírito de passar o dia lá, é uma competição mais longa, competição muito emocional.

A Olimpíada ela é muito mais rápida, muito mais dinâmica, apesar de ser de quatro em quatro anos, o Mundial era realizado a cada dois anos, agora está sendo todos os anos, eu não gostei muito disso porque se tu perdeu hoje o Mundial o ano que vem vai ter de novo, antes não, só daqui a dois anos. Olimpíada é Olimpíada porque é a cada quatro anos, se tivesse Olimpíada todos os anos iria perder um pouco da graça olímpica [risos]. Então a Olimpíada é uma competição mais dinâmica, mais rápida, mas, às vezes também o emocional pode... Ambos é importante o emocional, mas acho que é diferente um pouco. Na Olimpíada as pessoas sentem a pressão externa e o Mundial eu acho que a pressão externa não é tão grande, mas a pressão da competição é um pouco maior do que em uma Olimpíada, se equivalem, na disputa, mas sim a forma de assimilar.

A.A. – Como tu administrou a questão de peso durante a sua carreira?

J.D. – Sempre foi uma dificuldade muito grande controlar o peso porque não tinha orientação também. Minha mãe virou nutricionista, meu treinador “Ah! Faz isso, faz

---

<sup>13</sup> Maior pontuação que se pode fazer na luta de judô, em caso de ser alcançada a luta se encerra. Podendo ser conseguida em um ou mais golpes.

aquilo”. Mas era muito difícil, principalmente quando a gente é mais novo e não é bem orientado tu acaba sofrendo muita dificuldade de cuidar do peso, é muito complicado [risos].

A.A. – Qual o significado dessas participações para o Judô no Rio Grande do Sul?

J.D. – As minhas?

A.A. – Sim.

J.D. – Eu acho que a gente perdeu aquela sensação do passado de que se tu ganhasse de paulista, já era um grande feito. Alguns ganham de paulista, mas nem todos, daqui a pouco tu quebra essas barreiras de ganhar do judoca de São Paulo, de ganhar uma luta no exterior e, quando viu, é campeão mundial. Acho que o grande mérito de tudo isso é que hoje a gente pode ver pessoas aqui, treinado aqui dentro podem ser campeões, podem ser vencedores dentro do esporte a nível mundial.

B.O. – E como isso repercutiu na sua carreira?

J.D. – Acho que eu nunca tive medo desse enfrentamento, eu tinha uma cabeça muito boa, eu tratava todos os adversários iguais, independente se fossem mais fortes ou não e eu acho que isso fez, para mim, bem. Eu já estava acostumado a fazer isso, e ao ser campeão mundial, passa a ter grandes conquistas, só me fortaleceu a chance e o desejo que eu tinha de vitória, mas principalmente para os outros, passar isso para os outros, dai o cara olha, baixinho desse jeito como eu sou, é mesmo, a gente tem tudo igual aos outros o que falta? Falta às vezes a certeza, sem arrogância, mas confiança, que a gente pode chegar lá, trabalhando para isso, claro.

A.A. – Tu sempre foi um lutador muito versátil nas suas técnicas. Como tu enxerga a proibição de algumas técnicas? Como por exemplo, as catadas de perna? Que tu foi sempre especialista. Tu acha que é um avanço ou um retrocesso no Judô?

J.D. – Eu sempre vou ser contra [risos]. A catada de perna era uma coisa que eu achava que tinha uma plasticidade muito grande, há quem discorde, sempre tem, isso faz parte. Mas eu sempre fui apaixonado pelas catadas de perna e pela facilidade que eu tinha. Então o que acontecia? Meu corpo ele reagia e agia de forma muito rápida por isso que eu tinha uma facilidade muito grande e eu criava, tinha uma criatividade muito grande para criar as catadas. Então eu mesclava e isso fez com que eu me tornasse muito competitivo, então o atleta tinha medo das catadas de perna. Dai o cara que não tinha medo eu usava catada de perna, então eu deixava sempre o adversário inseguro, então essa mescla fez uma diferença muito grande. Eu sempre vou ser contra, eu acho muito bonito. Acho que foi muito radical a mudança, do dia para a noite, em alguns meses se banuiu a catada de pernas, direto... Existem vários golpes como *Morote Gari* e o *Kata Guruma*, o *Kata Otoshi* que são golpes do Judô que hoje não podem ser mais aplicados por não poder atacar direto a perna. O Judô japonês perdeu um espaço foi muito grande no cenário mundial e a assimilação de muitas lutas como o Sambô e Luta Olímpica que migraram para o Judô, então o pessoal achou que deveriam fazer uma transformação, não sei se foi boa para o Judô, se sim ou se não, eu só fiquei chateado [risos].

A.A. – Vimos que tu seguiu na carreira política e se a carreira esportiva de alguma forma facilitou, incentivou ou dificultou esse caminho?

J.D. – Se eu não tivesse no esporte acho que não teria entrado efetivamente para a política. A minha vivência no esporte com projeto social, com atleta de rendimento, depois de alto rendimento... Vê a necessidade que tem de ter agentes políticos em várias áreas e eu acredito que para a gente fazer alguma mudança, a gente tem um incentivo maior a gente tem que participar, a gente tem que entrar... Não foi fácil essa decisão porque hoje a política está tão desacreditada. Mas, foi o meu nome, que demorei anos para construir, dei hoje de retorno ao esporte tudo aquilo que eu recebi. Então a minha contribuição... Não parar no dia em que eu encerrar essa carreira de atleta, é uma forma de dar essa continuidade e algumas coisas que a gente já teve vitórias de aumentar o orçamento do esporte, conquistar o Centro de Iniciação Esportiva, dois ginásios que vieram para Porto Alegre para a prática esportiva de 3 mil crianças em cada um, enfim todas as outras ações que a gente faz eu fico feliz de poder ver toda minha história não acabar no dia em que encerrei minha carreira de atleta e dar essa continuidade poder estar entrando no tatame

passando dicas ainda para a criançada, para os atletas olímpicos e hoje também contribuir na parte política, brigar por aquilo que... Eu nunca tive alguém para brigar por mim e hoje eu posso brigar por outros atletas.

A.A. – Tem algo que nós não perguntamos e tu gostaria de deixar registrado?

J.D. – Olha no momento eu não lembro de nada [risos]. Se eu não falei, de repente em uma outra oportunidade de lembrar [risos].

A.A. – Com certeza. A gente agradece...

B.O – Muito Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]